

Tudo o que somos juntos

Duologia Deixe Acontecer • Livro 2

Alice Kellen



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO

 **essência**

Alice Kellen

Tudo o que
Somos juntos

Duologia Deixe Acontecer • Livro 2

Tradução

Eliane Leal Damasceno



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Alice Kellen, 2019
A autora representada pela Editabundo Agência Literária, S. L.
© Editorial Planeta, S. A., 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright da tradução © Eliane Leal Damasceno, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Todo lo que somos juntos*

Não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro, nem sua incorporação para um sistema de computador, nem sua transmissão de qualquer forma ou por qualquer meio, seja eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão prévia por escrito do editor. A violação dos direitos acima mencionados pode constituir crime contra a propriedade intelectual.

Preparação: Mariana Rimoli
Revisão: Natália Mori e Camila Gonçalves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Ilustração de capa: Camis Gray
Composição de capa: Renata Spolidoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kellen, Alice

Tudo o que somos juntos : duologia deixe acontecer 2 / Alice Kellen ;
tradução de Eliane Leal Damasceno. - São Paulo : Planeta do Brasil,
2024
320 p.

ISBN 978-85-422-2508-2

Título original: *Todo lo que somos juntos*

1. . Ficção espanhola I. Título II. Leal Damasceno, Eliane

23-6536

CDD 860

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção espanhola



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Novembro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Leah

AINDA ESTAVA COM OS OLHOS FECHADOS QUANDO SENTI OS LÁBIOS DESLIZANDO pela curva do meu ombro, antes de descer um pouco mais e deixar um rastro de beijos ao lado do meu umbigo; beijos doces e delicados, daqueles que fazem estremecer. Sorri. E logo o sorriso desapareceu quando senti a respiração quente perto das minhas costelas. Perto dele. Das palavras que um dia Axel tinha traçado com os dedos na minha pele, aquele “Let It Be” tatuado em mim.

Eu me remexi inquieta antes de abrir os olhos. Coloquei uma das mãos no rosto dele e o puxei para cima até que sua boca encontrou a minha e uma sensação calma me preencheu. Tiramos as roupas no silêncio daquela manhã calma e ensolarada de um sábado qualquer. Eu o abracei quando ele entrou em mim. Lento. Profundo. Fácil. Curvei as costas quando precisei de mais, daquele empurrão final duro e intenso. Não o encontrei. Coloquei uma mão entre nós e me acariciei com os dedos. Gozamos juntos. Eu, respirando agitada. Ele, gemendo meu nome.

Ele virou de lado e eu fiquei olhando para o teto branco e liso do quarto. Não demorou muito para eu me sentar na cama e ele me segurar pelo pulso.

— Já vai embora? — A voz era suave.

— Sim, tenho um monte de coisas para fazer.

Levantei e fui descalça até a cadeira onde eu tinha deixado jogadas as roupas na noite anterior. Enquanto me vestia, Landon me observava, ainda deitado entre os lençóis, com as mãos atrás do pescoço. Ajustei o cinto da saia e vesti a regata. Pendurei no ombro a maleta que meu irmão tinha me dado de presente de Natal e no caminho até a porta preni o cabelo num rabo de cavalo.

— Ei, espera. Um beijo antes de ir, né?

Sorrindo, me aproximei da cama e me inclinei para beijá-lo. Ele acariciou minha bochecha com ternura antes de suspirar satisfeito.

— Nos vemos hoje à noite? — perguntou.

— Não posso, vou ficar no estúdio até tarde.

— Mas hoje é sábado — insistiu. — Vamos, Leah.

— Desculpa... Jantamos juntos amanhã?

— Tá bom.

— Eu te ligo.

Desci pelas escadas do edifício. A luz do dia me recebeu calorosamente sob o céu cinzento. Tirei o fone de ouvido da maleta enquanto caminhava, peguei um pirulito e o coloquei na boca. Atravessei correndo por uma faixa de pedestres quando o semáforo estava prestes a ficar vermelho e cruzei um parque repleto de flores que servia como atalho até o meu estúdio.

Na verdade não era meu; não totalmente.

Mas eu tinha trabalhado duro durante aqueles anos de universidade para conseguir uma bolsa de estudos que me permitisse ter um pequeno espaço.

Quando cheguei, o cheiro de tinta envolvia todo o ambiente. Coloquei as coisas em cima de uma poltrona redonda e peguei o avental que estava pendurado atrás da porta. Enquanto eu o amarrava, fui me aproximando do quadro que se destacava naquele velho sótão.

Estremeci ao contemplar os traços delicados da curvatura das ondas, os respingos de espuma e a luz solar cintilante que parecia deslizar sobre a tela. Peguei a paleta de madeira e misturei algumas cores enquanto continuava olhando de canto de olho para aquela pintura que parecia me desafiar de alguma forma que eu não entendia. Segurei o pincel e senti minha mão tremer quando as lembranças transbordaram. Meu estômago se revirou ao lembrar daquela noite em que tive que ir correndo para lá porque, de repente, senti a necessidade de pintar aquele trecho de praia que eu conhecia tão bem, apesar de já fazer três anos que eu não pisava ali...

Três anos sem aquele pedaço de mar diferente dos demais.

Três anos nos quais eu havia mudado muito.

Três anos sem vê-lo. Três anos sem Axel.

2

Axel

DESLIZEI PELA PAREDE DA ONDA SOB O SOL PÁLIDO DO AMANHECER ANTES DE CAIR na água. Fechei os olhos enquanto afundava e os sons do mundo exterior se tornaram distantes. Subi para a superfície quando percebi que estava me afogando.

Com esforço, consegui segurar a prancha. Inspirei fundo. Uma e outra vez. Mas nenhuma dessas inspirações me preencheu. Fiquei ali, flutuando na solidão do meu mar, contemplando o rastro de espuma e a luz pontilhada que brilhava entre as ondas enquanto eu me perguntava quando voltaria a respirar.

3

Leah

PASSEI A SEMANA INTEIRA TRABALHANDO SEM DESCANSO. ÀS VEZES ME ASSUSTAVA pensar que não era simplesmente trabalho, era mais uma necessidade, ou uma mistura das duas coisas. A pintura era o motor da minha vida, a razão pela qual eu me mantinha de pé, forte, cheia de ideias para capturar e colocar na tela. Eu me lembro do dia em que Axel me perguntou como eu conseguia fazer isso e respondi que não sabia, eu apenas fazia. Se ele tivesse feito essa pergunta algum tempo depois, eu não teria respondido a mesma coisa. Teria confessado que era a minha válvula de escape. Que as coisas que eu não sabia expressar com palavras eu transmitia com cores, formas e texturas. Que aquilo era meu e apenas meu, mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Se não fosse meu aniversário, naquela noite eu teria ficado até bem mais tarde pintando em meu pequeno sótão, como fazia com frequência nos fins de semana... Mas meus amigos da faculdade se empenharam em organizar uma festa para mim, e eu não tinha como recusar. Troquei de roupa enquanto me lembrava da ligação de Blair algumas horas antes para me parabenizar e também para contar que o bebê que ela estava esperando com Kevin era um menino. Foi o melhor presente que eu poderia receber naquele dia, sem dúvida.

Fui até o espelho para fazer uma trança. Meu cabelo estava tão comprido que quase nunca o deixava solto; eu tinha pensado em cortá-lo várias vezes, mas o cabelo longo me fazia lembrar de quando eu vivia descalça e morava em uma casa isolada do resto do mundo, dias em que eu não me preocupava muito se devia ou não pentear o cabelo. Até nisso eu tinha mudado. A forma de me vestir, mais cuidada. Tentava me controlar quando sentia algum tipo de impulso me

puxando, porque tinha aprendido que os estímulos nem sempre nos levam aos caminhos mais adequados. Procurava ficar mais tranquila, pensava bem antes de saltar no vazio e fazia o esforço de pesar as consequências.

O telefone tocou de novo. Como sempre, meu coração parecia que ia pular para fora cada vez que via aquele sobrenome na tela: Georgia Nguyen. Respirei fundo antes de atender.

— Feliz aniversário, querida! — exclamou. — Vinte e três anos já. É incrível como o tempo passa rápido, parece que foi ontem que eu te pegava no colo e te levava para passear no jardim para te fazer parar de chorar.

Sentei na beira da cama e sorri.

— Obrigada por ligar. Como vocês estão?

— Bem. Estamos no embarque, quase entrando no avião. — Começou a rir feito criança porque, pelo que parecia, seu marido estava tentando fazer-lhe cócegas para tirar o telefone dela. — Não seja chato, Daniel, espera e eu já te deixo falar! Como estava dizendo, querida, estamos no aeroporto de San Francisco e daqui a uma hora sai o nosso voo para Punta Cana.

— Uau, que roteiro incrível... Que inveja!

— Te ligo daqui uns dias para conversar com calma e sem interrupções.

— Fica tranquila, deixa eu falar com Daniel.

— Feliz aniversário, Leah! — ele exclamou imediatamente. — Vai comemorar com seus colegas? Divirta-se. Aproveite.

— Obrigada, Daniel. Vou tentar.

Desliguei e fiquei encarando a tela do telefone por alguns segundos, melancólica, pensando em todas as felicitações que eu tinha recebido naquele dia... e também nas que não tinha.

Era uma bobagem. Uma dessas que de vez em quando me perturbavam porque, afinal, as lembranças das pessoas permanecem nos detalhes que parecem pequenos, mas que acabam sendo o que realmente importa. Axel sempre foi uma presença importante em todos os meus aniversários; a única pessoa que eu queria ver quando chegava o dia de comemorar. Era ele quem me dava os presentes de que eu mais gostava e quem fazia parte dos meus desejos ao apagar as velinhas desde quando eu era apenas uma menina.

Parecia que tinha sido há uma eternidade...

Olhei de novo para o celular. Não sei o que eu esperava, mas o telefone não tocou.

Respirei fundo e me levantei para me aproximar do espelho alongado, que continuava apoiado na parede, exatamente no mesmo lugar onde Oliver o havia

colocado quase três anos antes, quando o comprei por impulso numa loja perto da residência estudantil.

Toquei distraída na ponta da trança, sem deixar de olhar para o meu reflexo. “Você vai ficar bem”, repeti, mais por hábito do que por qualquer outra coisa. “Vai sim”.

Já estava anoitecendo quando saí caminhando até o restaurante onde havíamos combinado. Eu tinha dado alguns poucos passos quando ele apareceu.

— O que você está fazendo aqui? — Dei risada.

— Queria te acompanhar. — Landon me ofereceu a rosa que estava em sua mão e me deu um beijo lento.

Olhei para a flor quando ele se afastou e acariciei as pétalas vermelho-escarlate. Levei-a ao nariz para sentir o perfume enquanto retomávamos o passo em silêncio.

— E aí, o que você fez hoje? O dia rendeu?

— Sim, estou quase terminando um quadro... — Engoli em seco ao lembrar daquele trecho de mar que era tão meu, tão nosso, e balancei a cabeça. — Mas não quero te aborrecer com isso. Me fala de você.

Landon me contou com detalhes como havia sido a semana dele; o quanto ele tinha trabalhado no projeto de fim de curso da faculdade; como esteve ansioso para me ver nos últimos três dias em que não conseguimos nos encontrar; como eu estava bonita naquela noite...

Diminuímos o ritmo quando avistamos o restaurante.

— Espero que você goste da sua festa sem surpresa — brincou, e depois ficou sério. — Todo mundo veio. Às vezes, quando você se fecha naquele sótão e em você mesma, eu me preocupo, Leah. Quero que aproveite esta noite.

As palavras dele me comoveram e eu o abracei com força.

Eu prometi a ele que aproveitaria.

Dei um sorriso imenso quando passei pela entrada do restaurante e vi nossos amigos se levantando da mesa e cantando “Parabéns pra você”. Recebi abraços e beijos antes de me sentar com eles. Quase todo mundo que fazia parte da minha vida em Brisbane estava lá: alguns colegas de turma e Morgan e Lucy, as meninas que conheci no primeiro mês na residência estudantil e de quem não havia me separado desde então. Elas foram as primeiras a me entregar um presente.

Desembrulhei com cuidado, bem diferente da forma como eu fazia no passado, impaciente. Tirei a fita adesiva com a unha e dobrei o papel antes de agradecer quando vi os materiais de desenho que elas sabiam que eu precisava.

— Vocês são incríveis, não precisava...

— Não vale chorar! — gritou Morgan na mesma hora.
— Mas eu não ia...
— A gente te conhece — Lucy me cortou.
Dei risada quando vi a expressão dela.
— Tá bom, nada de lágrimas, só diversão! — Olhei para Landon, que sorria satisfeito e piscou para mim do outro lado da mesa.

**

JÁ ERA DE MADRUGADA QUANDO A FESTA TERMINOU, E EU TINHA BEBIDO MAIS DO QUE o aconselhável, considerando que meu irmão, Oliver, viria me visitar no dia seguinte. Mas não me importei. Porque, sob as luzes daquele lugar onde acabamos bebendo um pouco a mais, eu me senti bem, feliz, acolhida entre os braços de Landon e as risadas das minhas amigas. Deixei de pensar naqueles que não estavam lá, na voz rouca de Axel me parabenizando e no que ele teria me dado de presente naquele ano, em uma outra realidade na qual continuávamos sendo as mesmas pessoas que acreditavam que jamais se afastariam.

Demorei um tempo para entender, mas... a vida continua. Axel não tinha sido o destino, apenas o trecho inicial de um caminho que percorremos juntos e de mãos dadas até que ele decidisse fazer um desvio.

**

DEITEI NA CAMA MEIO BÊBADA, E O QUARTO PARECIA GIRAR AO MEU REDOR. ABRACEI O travesseiro. Havia épocas em que eu mal pensava em Axel, ocupada entre as aulas, as horas que passava no sótão e as que passava com Landon ou com as meninas, mas ele sempre voltava. Ele. Aquela sensação de ainda carregá-lo na pele me incomodava cada vez mais. As lembranças vinham nos momentos menos esperados: ao ver um desconhecido segurando um cigarro entre o polegar e o indicador, ao sentir cheiro de chá, ao ouvir uma música, notar um gesto bobo... por qualquer detalhe.

Lembrei do que estava guardado na primeira gaveta da minha mesa de cabeceira, mas segurei a vontade de abri-la e pegar aquele objeto que eu tinha comprado em uma feira logo depois de chegar em Brisbane.

Fechei os olhos com força. Tudo continuava girando.

E me perguntei o que ele estaria fazendo naquele momento...